



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**

**A MONOTONGAÇÃO DE /EI/ NA FALA CARIOCA**

Maria Eliandra Ribeiro de Oliveira

Rio de Janeiro

2024

MARIA ELIANDRA RIBEIRO DE OLIVEIRA

A MONOTONGAÇÃO DE /EI/ NA FALA CARIOCA

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Letras na habilitação Português/Francês.

Orientadora: Prof. Dra. Danielle Kely Gomes

Rio de Janeiro

2024

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus pelo caminho percorrido até aqui, por ter me concedido a determinação e a perseverança necessárias para continuar a minha trajetória acadêmica, apesar dos percalços.

À minha família, pelo esforço e apoio. Sei que vocês fizeram o possível para que eu chegasse até aqui, para que eu pudesse estar onde vocês não tiveram a oportunidade. Então, mais uma vez, meu muito obrigada! Eu amo vocês!

Aos meus amigos, principalmente, os que fiz ao longo da graduação. Às minhas parceiras de rotina, Isabella e Gabrielle. Além das grandes amigas que fiz na república: Manoela, Jamile, Agne, Jaciara e Viviane, vocês foram e continuarão sendo parte da minha vida! Agradeço o incentivo e força! Acreditem, vocês fizeram esse caminho ser menos árduo através da partilha de histórias e conhecimentos de vocês!

Um agradecimento especial ao meu amigo “letrado” Sérgio. Sou muito grata por sua existência, pelas palavras amigas e pela sua gentileza, além, claro, de todas as histórias que compartilhamos. Ter seu apoio até aqui foi fundamental para mim! Obrigada!

À Faculdade de Letras (UFRJ) e aos professores da instituição, por terem transformado a minha perspectiva enquanto estudante e ser pensante.

À minha professora e orientadora, Daniele Kelly, pelo apoio, por todo o conhecimento transmitido e, principalmente, por sempre acreditar em mim. Admiro o ser humano e profissional que é! Tenho orgulho de ter sido sua aluna e orientanda.

E, por fim, mas não menos importante, agradeço a todos aqueles que fizeram parte da minha trajetória dentro ou fora da Faculdade e que torceram para que eu chegasse até aqui! Minha gratidão a vocês!

## Sumário

<b>1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS</b> .....	<b>1</b>
<b>2. O DITONGO</b> .....	<b>3</b>
<b>3. PRESSUPOSTO TEÓRICO</b> .....	<b>6</b>
<b>4. A COMUNIDADE ANALISADA</b> .....	<b>9</b>
<b>5. OBJETIVOS E HIPÓTESES</b> .....	<b>11</b>
<b>6. METODOLOGIA</b> .....	<b>11</b>
<b>7. ANÁLISE DOS RESULTADOS</b> .....	<b>16</b>
<b>7.1 Resultados gerais</b> .....	<b>16</b>
<b>7.2 Análise das variáveis relevantes</b> .....	<b>17</b>
<b>8. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>24</b>
<b>9. REFERÊNCIAS BIBLIGRÁFICAS</b> .....	<b>25</b>

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Contexto subsequente.....	17
Tabela 2 - Classe Morfológica .....	18
Tabela 3 - Cruzamento entre as variáveis classe e posição.....	18
Tabela 4 - Análise dos <i>types</i> .....	19
Tabela 5 - Faixa Etária.....	21
Tabela 6 - Cruzamento entre as variáveis faixa etária e sexo.....	21
Tabela 7 - Cruzamento entre as variáveis escolaridade e faixa etária.....	22
Tabela 8 - Cruzamento entre as variáveis escolaridade e sexo.....	22
Tabela 9 - Contexto precedente.....	22
Tabela 10 - Número de Sílabas.....	23

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Variável dependente.....	13
Quadro 2 - Variáveis linguísticas.....	13
Quadro 3 – Variáveis extralinguísticas.....	15
Quadro 4 - Variáveis relevantes.....	17

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Distribuição das variantes nos dados de Copacabana.....	16
---	----

## 1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O fenômeno variável do ditongo /ei/ continua sendo um tema abordado em diversos estudos com foco no português, sobretudo, o português brasileiro (PAIVA, 1986, 1996, 1999, 2003; BISOL, 1989, 1994; GONÇALVES, 1997; LOPES, 2002; PEREIRA, 2004, dentre muitos outros). Esses estudos, baseados em diferentes corpora, objetivaram revelar como o ditongo /ei/ se comporta em função de restrições sociais/linguísticas.

O processo de redução de ditongos pode ser observado em fases anteriores da história da língua. A variação na realização dos ditongos decrescentes - /ai/, /ei/ e /ou/ - pode ser explicada fonologicamente pelos princípios que regem a formação de sílabas em português. Bisol (1989, 2006) argumenta que esses ditongos variáveis seriam formados na estrutura subjacente apenas pela vogal nuclear, com a inserção da semivogal sendo um processo fonético resultante da assimilação de traços.

Dessa maneira, a presente pesquisa se propõe a expor a investigar, por meio de aspectos teóricos e metodológicos da Teoria da Variação e Mudança (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968), a realização variável do ditongo /ei/ na fala carioca e os contextos em que a implementação da forma monotongada é favorecida. A análise se deu através de um corpus composto por 12 entrevistas feitas com falantes do bairro de Copacabana, bairro da zona sul do Rio de Janeiro. Os dados foram estratificados de acordo com a faixa etária, sexo e escolaridade de cada falante. As entrevistas foram extraídas do Corporaport – Corpora de Variedades do Português em Análise<sup>1</sup>, disponível em <http://corporaport.letas.ufrj.br>, e são parte de um projeto vinculado ao PPGLEV – Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Em pesquisa anterior, Paiva (2003) analisou dados da fala popular da cidade do Rio de Janeiro, contatando alguns indivíduos entrevistados na década de 80 após 20 anos. O estudo revelou a manutenção de índices elevados da variante monotongada na virada do milênio. Essa pesquisa anteriormente desenvolvida por Paiva é de grande relevância para este estudo, uma vez que nele busca-se compreender se os índices da variante monotongada se mantêm elevados no Rio de Janeiro e se restrições sociais são elementos condicionantes na redução do ditongo.

Os dados obtidos durante esta análise foram submetidos ao pacote de programas R Studio para fins de análise estatística. A partir dos resultados, procura-se verificar se a regra continua sendo

---

<sup>1</sup> Disponível em: <http://corporaport.letas.ufrj.br> (Acesso em 24 de novembro de 2024)

igualmente produtiva na comunidade investigada e identificar quais são as variáveis sociais e linguísticas que favorecem ou não a sua aplicação.

A fim de alcançar os objetivos desta investigação, o trabalho foi dividido da seguinte maneira: o capítulo 2 revisa o conceito de ditongo com base nas percepções de Câmara Jr. (1970) e Bisol (1989). O capítulo seguinte 3 apresenta as hipóteses formuladas para orientar a investigação. No capítulo 4 aponta-se a comunidade de fala analisada. O capítulo 5 define o referencial teórico do estudo. O capítulo 6 estabelece os objetivos principais da pesquisa. O capítulo 7 detalha a metodologia utilizada. No capítulo 8, discutem-se os resultados da análise estatística e, por fim, o capítulo 9 fornece as considerações finais.

## 2. O DITONGO

Esta seção visa a conceituação e revisão prévia do fenômeno analisado neste trabalho, bem como o que os autores Câmara Jr. (1970) e Bisol (1989) entendem por Ditongo.

De acordo com Câmara Jr. (1970), o ditongo surge quando um elemento vocálico na língua é modificado por outro, uma semivogal, dentro da mesma sílaba. Nesse contexto, a semivogal, ou glide, ocupa uma posição assilábica, não constituindo o centro da sílaba, mas sim uma de suas margens. Quanto à posição da semivogal na sílaba, há discordâncias entre os estudiosos. Câmara Jr. (1970) afirma que as semivogais ocupam a posição de núcleo da sílaba, sendo um elemento de natureza vocálica, enquanto Bisol argumenta que ocupam a posição de coda, um elemento de natureza consonantal.

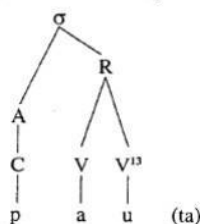
Sendo assim, as combinações desses elementos, conforme as análises dos autores, podem ser classificadas como ditongos crescentes e ditongos decrescentes. Ditongos crescentes são caracterizados pela proeminência da parte final (como no caso de "glória" /'glorya ~ 'gloria), resultando da sequência semivogal + vogal. Por outro lado, ditongos decrescentes são aqueles cuja parte inicial é mais destacada do que a parte final (como em "jeito"/'zeyto), sendo formados pela combinação vogal + semivogal.

Câmara Jr. afirma ainda que os ditongos crescentes não são genuínos, pois observa-se uma alternância entre a realização desse segmento como hiato e como ditongo, como em "suar" [su'ah ~ 'swah]. Sendo assim, para o autor, os únicos ditongos considerados verdadeiros seriam os decrescentes.

Em prosseguimento aos estudos feitos por Câmara Jr., Bisol (1989), com base em teorias da fonologia contemporânea voltadas, sobretudo, para o português brasileiro, foi capaz de explicitar e aprofundar as considerações anteriormente realizadas. E, para além das várias reflexões feitas pela autora acerca do ditongo, destaca-se sua consideração e distinção entre ditongo pesado (verdadeiro) e leve (falso).

Na perspectiva da autora, os ditongos verdadeiros são aqueles em que duas vogais ocupam suas posições no núcleo da sílaba, e a segunda vogal é a mais alta. Dessa maneira, nesse tipo de ditongo, a estrutura permanece invariável e apresenta o núcleo ramificado conforme ilustra a imagem:

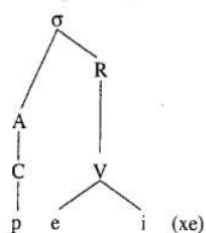
a) verdadeiro ditongo



(BISOL, 1994, p. 132)

Em contrapartida, os ditongos leves (falsos) são formados a partir de apenas uma vogal em seu núcleo. E, quando existente, a segunda vogal resulta do processo de espriamento do núcleo vocálico da consoante subsequente ao ditongo. Essa assimilação por espriamento resulta da assimilação de traços vocálicos de consoantes, processo que pode sempre variar, conforme imagem a seguir:

b) ditongo leve (falso ditongo)



(BISOL, 1994, p. 132)

Para além das considerações de Bisol (1989) sobre a distinção entre os ditongos, outro fator relevante em suas reflexões é a presença de consoantes fricativas palatais no onset da sílaba seguinte ao ditongo. Segundo sua análise quando essa posição é ocupada por [j] e [ʒ], o glide seria resultado da palatalidade da consoante seguinte, o que impediria a formação de uma estrutura subjacente distinta. Além disso, a presença do tepe [r] na sílaba configura um contexto de variação, como em (f[ey]ra/f[e]ra).

Sendo assim, considerando essas reflexões prévias acerca da realização e variação do ditongo /ei/, os contextos favorecedores da realização monotongada seriam aqueles em que o ditongo é precedido das fricativas palatais /j/ e /ʒ/ e do tepe /r/. No entanto, essas consoantes tendem a seguir o mesmo processo, no que tange a monotongação de /e/ (pe[j]e).

Tendo em vista os estudos prévios realizados por esses dois autores, este trabalho também se alinha com as principais considerações traçadas por Paiva (2003). E, tais considerações tendem a corroborar com a hipótese proposta adiante neste trabalho.

A autora, em uma comparação em tempo real, em que uma mesma comunidade de fala foi analisada em décadas distintas (década de 80 e após os anos 2000) e em um estudo do tipo tendência (em que alguns desses indivíduos foram contatados novamente nos anos 2000), em dados da fala na cidade do Rio de Janeiro, observou a persistência de índices significativos da variante monotongada ao longo de um período de 20 anos. Em ambas as análises realizadas, foram identificadas mudanças referentes aos contextos linguísticos em que a monotongação ocorria. Segundo Paiva (2003), a redução se estabelece diante de uma vibrante simples (b[ey]ra), mas retrocede diante de fricativas palatais (qu[ey]jo):

[...] o recuo ou o avanço da variante monotongada é dependente de condições estruturais bem definidas: por um lado, se instala no contexto de vibrante simples, no qual parece constituir uma mudança já consumada; por outro lado, recua no contexto das fricativas palatais. Essa relatividade na trajetória das variantes monotongada e ditongada é perceptível no comportamento linguístico da maioria dos indivíduos e parece ser independente de suas características sociodemográficas. (PAIVA, 2003, p. 46)

Dessa maneira, é possível afirmar que a literatura é categórica quanto aos contextos de implementação da monotongação. E, partir do que foi visto, sobretudo, o estudo realizado por Paiva (2003), a hipótese deste trabalho leva em consideração os dois contextos, tanto a tese de que a variante /e/ ocorre diante das fricativas palatais e a sua respectiva ocorrência diante de tepe. No entanto, entre esses dois contextos, consideramos o tepe como o contexto prototípico da implementação da variante monotongada.

### 3. PRESSUPOSTO TEÓRICO

Durante muito tempo, os estudos linguísticos, sobretudo os estudos estruturalistas e gerativistas, basearam-se na noção de língua como componente biológico do ser humano, então estaríamos predispostos à aquisição de língua(gem). Contudo essas teorias não conseguiram abarcar um componente igualmente inerente a língua: o componente social.

No início dos anos 60, surge uma corrente teórica na linguística que busca abordar a língua de maneira distinta das teorias anteriores, apresentando-se como uma resposta às limitações do formalismo linguístico em incorporar a variação linguística em suas análises. A Sociolinguística se destaca das correntes contemporâneas, como o estruturalismo e o gerativismo, ao direcionar sua atenção para a língua como um fenômeno social, concentrando-se nos estudos de língua em interação com a sociedade em que se inscrevem, assim como no estudo da linguagem a partir do contexto social da comunidade de fala.

Os estudos conduzidos por Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) e Labov (2008 [1972]) são amplamente reconhecidos como fundamentais, sendo considerados bases não apenas para os estudos linguísticos da época, mas também como referências que orientam qualquer análise sociolinguística proposta até os dias atuais.

Assim sendo, a Sociolinguística é definida como o campo da linguística que visa examinar a língua em sua dimensão social, explorando sua interação com a sociedade. Em uma síntese da proposta original de Weinreich, Labov e Herzog (1968), Lucchesi (2011) destaca os principais princípios que orientam a Teoria da Variação e Mudança:

- (i) A língua funciona enquanto muda;
- (ii) A heterogeneidade não compromete o funcionamento da língua – um sistema homogêneo e invariável é que seria disfuncional em uma comunidade de fala culturalmente diversificada;
- (iii) A variação faz parte do sistema linguístico, que é heterogêneo e composto por regras e unidades variáveis;
- (iv) A variação é potencialmente a atualização, em cada momento que se considere a língua, dos processos de mudança em curso no seu devir histórico (mudança implica variação, mas variação não implica necessariamente mudança);

(v) A variação não é aleatória. A análise sincrônica dos condicionamentos estruturais e sociais da variação é capaz de revelar os mecanismos que atuam na implementação dos processos de mudança que afetam o sistema da língua;

(vi) A mudança linguística pode ser estudada diretamente através da análise da variação observada em cada estado de língua.

Portanto, a Sociolinguística reconhece que a variação e a mudança linguística são inerentes, pois observa-se que um falante de um idioma específico é capaz de empregar a língua de maneiras diversas, dependendo do contexto e da situação de comunicação. Além disso, a forma como a língua é empregada pode variar de acordo com o indivíduo ou a comunidade que a emprega. Nesse sentido, o objetivo dessa ciência da linguagem é definido como "A língua tal como usada na vida diária por membros da ordem social, este veículo de comunicação com o qual as pessoas discutem com seus cônjuges, brincam com seus amigos e ludibriam seus inimigos" (LABOV, 2008 [1972], p. 13).

Na época de sua origem, as duas correntes linguísticas predominantes nos estudos linguísticos, o gerativismo e o estruturalismo, excluía a variação como um elemento da estrutura linguística. Isso resultava na incapacidade dessas correntes de propor análises abrangentes que pudessem abordar adequadamente os fenômenos variáveis que frequentemente ocorrem dentro de uma língua.

O cerne das análises sociolinguísticas na teoria Laboviana gira em torno da questão da mudança, diferindo das duas abordagens linguísticas mais proeminentes. A Sociolinguística Variacionista, a partir desse ponto de vista, concebe a língua como um sistema heterogêneo, reconhecendo a variação como um componente essencial para as análises linguísticas. Nessa perspectiva, a língua é vista como um sistema heterogêneo e variável, onde a realização da fala difere entre os falantes, influenciada por sua história e contexto social individual. A definição resultante faz com que a Sociolinguística identifique sua área de estudo como a comunidade de fala, conforme afirmado por Labov (1982, p. 18): "O objeto da descrição linguística é a gramática da comunidade de fala: o sistema de comunicação usado na interação social."

Com base nesses princípios, parte-se do pressuposto de que a realização fonética do ditongo /ei/ é um processo variável, sujeito a restrições linguísticas e condições extralinguísticas, como indicado por vários estudos sobre o tema. Em relação aos dados analisados nesta pesquisa, assume-se que os dados de Copacabana seguiriam o mesmo padrão das demais variedades do Português, contradizendo as afirmações presentes nos estudos clássicos de dialetologia portuguesa.

A concepção de regra variável desempenha um papel crucial neste trabalho, uma vez que a realização do ditongo /ei/, assim como de outros ditongos em português, apresenta variações conforme o contexto em que é pronunciado. Essa variabilidade já foi constatada anteriormente em estudos de dialetologia da língua portuguesa, abarcando, sobretudo, a variedade brasileira (PAIVA, 1986, 1996, 2004; BISOL, 1989, 1994; GONÇALVES, 1997; LOPES, 2002; PEREIRA, 2004, entre muitos outros).

#### 4. A COMUNIDADE ANALISADA

Esta seção tem como objetivo trazer um panorama histórico, explicitar informações importantes referentes a comunidade de fala analisada e compreender quais fatores sociolinguísticos impactaram nesta análise durante o desenvolvimento do estudo.

Copacabana, uma das grandes referências turísticas do país, atrai visitantes nacionais e internacionais, sobretudo, nas festas de Ano Novo e Carnaval. Um dos bairros mais populosos da Zona Sul Fluminense do Rio de Janeiro, foi e continua sendo palco de grandes eventos culturais e históricos da cidade. Este bairro estabelece limites geográficos com outros quatro bairros: Lagoa, Ipanema, Botafogo e Leme.

O bairro mais conhecido do Brasil tem uma origem desconhecida e, ao longo do tempo, surgiram diferentes versões, umas mais aceitas que outras, a respeito de sua fundação e origem. O bairro antes chamado de Sacopenapã (nome tupi que significa “caminho de socós”), em uma primeira versão, teria adquirido o nome que conhecemos em referência a língua quíchua, língua usada no antigo Império Inca. Nesse vernáculo, Copacabana significa “lugar luminoso”, “praia azul” ou “mirante do azul”.

Em uma outra hipótese, o nome teria origem aimará, língua falada na Bolívia. O significado do termo equivale a “vista do lago”. O termo Copacabana, na Bolívia, é o nome dado a uma cidade situada ao longo do Lago Titicaca, em um antigo local de culto da cultura inca.

Ainda segundo essa hipótese, após a chegada de região da Copacabana boliviana, um jovem pescador teria presenciado a aparição de Nossa Senhora, e em sua homenagem, teria esculpido uma imagem da Nossa Senhora de Copacabana, a virgem mãe entornada em ouro e pousada sobre uma meia-lua.

No século XVII, uma réplica de Nossa Senhora de Copacabana teria sido trazida para a praia do Rio de Janeiro por comerciantes bolivianos e peruanos (também chamados de “peruleiros”). E então, uma capela foi construída em homenagem a santa, sobre um rochedo, local que mais tarde, no século XX (1914), viria a ser o Forte de Copacabana.

Copacabana foi por muito tempo um local de difícil acesso. O famoso bairro da zona sul, até o fim do século XIX, se resumia a uma grande orla, onde viviam alguns pescadores. Lá, se encontravam também o Forte Reduto do Leme, a igreja de Nossa Senhora de Copacabana, além de chácaras e sítios, cenário que começou a mudar em 1892. Nesse mesmo ano, foi inaugurado o Túnel de Copacabana, conhecido como túnel velho, fator que facilitou o acesso e integração do bairro com outras áreas do Rio de Janeiro.

Em 1923, começaria a funcionar, na então Avenida Atlântica, avenida que une o bairro do Leme ao de Copacabana, o Hotel Copacabana Palace. Símbolo marcante do bairro carioca e palco de eventos importantes na cidade, recebeu pessoas influentes e grandes chefes de estado. Muitos artistas, intelectuais e pessoas influentes residem ou já residiram no bairro de Copacabana. Culturalmente forte, o bairro foi palco de grandes eventos, sobretudo, a bossa nova.

Na década de 1970, obras foram feitas no bairro e tornaram-na o que conhecemos atualmente. A famosa calçada feita em forma de ondas, a bela praia e duas décadas mais tarde, as festas e shows de Réveillon tornaram-se as imagens comumente disseminadas para todo o mundo.

Em dados mais atuais do bairro, de acordo com o Censo (2010), a população do bairro de Copacabana era de 147.021 habitantes, número que o torna o bairro com a maior densidade demográfica do município do Rio de Janeiro na ocasião de coleta dos dados (3,4 habitantes por m<sup>2</sup>). Ademais, o IDHM (índice de desenvolvimento humano) do bairro é de 0,955, índice definido como alto e superior ao verificado para o município do Rio de Janeiro.

Quanto a faixa etária dos habitantes, o bairro apresenta uma particularidade: o bairro concentrava em 2010, um número considerável de idosos, 43.431 habitantes, o que corresponde a 29% da população do bairro e a 14% dos idosos do município. E, no quesito escolaridade, aproximadamente 24% dos habitantes do bairro possuem o Ensino Superior completo, e por volta de 29% dos habitantes concluiu o Ensino Médio.

Sendo assim, tendo em vista o breve contexto histórico do bairro, sua localização geográfica e seus limites, bem como os fatores sociodemográficos, etários e de formação escolar dos habitantes que nele residem, é possível tecer uma imagem do que o bairro representa, em termos específicos, e como essas informações refletem nos dados resultantes deste estudo.

## **5. OBJETIVOS E HIPÓTESES**

Este estudo tem como objetivo analisar a produção de /ei/ na fala carioca, mais especificamente, do bairro de Copacabana, a fim de entender como se dá a sua produção, na forma monotongada e ditongada, além de investigar quais fatores favorecerem a produção em ambas as formas, estabelecendo um panorama geral da sua produção na comunidade de fala investigada.

As hipóteses que norteiam este estudo são as de que os índices de ocorrência da variante monotongada são elevados na comunidade de fala do Rio de Janeiro e que indivíduos mais escolarizados, que possuem um acesso mais recorrente a práticas de letramento, apresentam índices menores de redução de /ei/, além da existência de uma mudança na atuação da variável contexto subsequente ao ditongo (redução categórica diante do tepe; variação nos demais contextos); e que restrições sociais são elementos que condicionam a redução do ditongo no bairro analisado.

## **6. METODOLOGIA**

A metodologia que norteia o modelo teórico da sociolinguística quantitativa compreende uma série de passos cruciais na busca por informações precisas. Entre as etapas seguidas para conduzir esse estudo, destacam-se:

- (i) Seleção de informantes;
- (ii) Identificação das variáveis linguísticas e suas variantes;
- (iii) Processamento dos dados com o programa de análises estatísticas Rbrul de números, uma vez que se trata de uma análise de natureza estatística;
- (iv) Interpretação dos resultados, levando em consideração fatores linguísticos e extralinguísticos que possam influenciar a preferência por uma variante em detrimento de outra.

Diante do referencial metodológico apresentado, é imperativo verificar com precisão as hipóteses formuladas, destacando a necessidade de realizar um recorte preciso na comunidade objeto de estudo. A seleção criteriosa dos informantes desempenha um papel fundamental para assegurar uma análise robusta do fenômeno em questão. Nesse contexto, visto tratar-se de uma pesquisa sobre a língua em sua expressão vernácula, a coleta de dados ocorre em situações

naturais de conversação entre o entrevistador e o entrevistado, visando minimizar ao máximo possíveis interferências do pesquisador.

Assim, adotando o arcabouço teórico-metodológico proposto pela sociolinguística quantitativa, procedeu-se à compilação de um corpus de língua falada que documenta a variedade do português utilizado no bairro de Copacabana, mais precisamente na zona sul do Rio de Janeiro. Essa abordagem se justifica pela compreensão de que, ao investigar fenômenos linguísticos em desenvolvimento, não se faz necessário examinar cada falante nativo. Uma amostra representativa dos falantes é capaz de fornecer dados suficientes para a condução do estudo e análises subsequentes.

A escolha dos informantes foi realizada por meio da composição de um corpus composto por 12 inquéritos com falantes de diversas origens e contextos sociais. Nesse conjunto, foram examinados fatores intra e extralinguísticos que poderiam influenciar a realização do ditongo /ei/, tanto em sua forma ditongada quanto monotongada. As entrevistas foram extraídas do Corporaport – Corpora de Variedades do Português em Análise, disponível em <http://corporaport.letras.ufrj.br>, e são parte de um projeto vinculado ao PPGLEV – Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

A análise do corpus foi conduzida considerando duas variáveis principais. A primeira foi a variável dependente, que englobou as duas possibilidades de produção do ditongo /ei/: a forma ditongada [ey] e a forma monotongada [e]. A segunda consistiu em um conjunto de variáveis independentes, subdivididas de acordo com critérios específicos, a fim de contemplar diferentes contextos sociais e linguísticos que poderiam influenciar a realização monotongada do ditongo.

- (i) Sexo: seja masculino ou feminino;
- (ii) Idade: subdividida em faixa A (18 a 35 anos), faixa B (36 a 55 anos) e faixa C (mais de 56 anos);
- (iii) Escolaridade: subdividida em 1 (nível fundamental), nível 2 (nível médio) e 3 (nível superior);
- (iv) Contexto precedente ao ditongo;
- (v) Contexto subsequente ao ditongo;
- (vi) Localização morfológica do ditongo: seja na raiz da palavra, no sufixo ou na desinência verbal;

- (vii) Localização do ditongo na palavra: seja em posição medial, ou seja, dentro do vocábulo, ou em posição final do vocábulo, em interação com outras palavras;
- (viii) Dimensão do vocábulo: se se refere a monossílabo, dissílabo, trissílabo ou polissílabo;
- (ix) Classificação do vocábulo: subdividindo-se em nomes (adjetivos, substantivos, advérbios) e verbos.

Entre os critérios de análise mencionados anteriormente, destaca-se a atenção dada tanto às variáveis extralinguísticas (sexo, idade e escolaridade), uma vez que esses fatores externos têm potencial para influenciar a ocorrência do fenômeno em estudo, quanto às variáveis linguísticas, ou seja, as possibilidades de análise contextual que ocorrem em nível linguístico. As variáveis linguísticas e extralinguísticas escolhidas para a pesquisa estão apresentadas nos quadros 1, 2 e 3.

**Quadro 1 - Variável dependente**

<b>Variante</b>	<b>Exemplo</b>
Monotongação [e]	besteira - [bej' terɐ]
Ditongação [ey]	jeito - ['zejtu]

**Quadro 2 – Variáveis linguísticas**

<b>Contexto precedente</b>	<b>Exemplo</b>
Ataques vazios	capoeira - [kapu' erɐ]
Nasal	dinheiro - [dʒi' nɐrɔ]
Laterais	falei - [fa' ley]
Fricativa	terceiro - [teh' serɔ]
Tepe	morei - [mo' rey]

Oclusivas	carteira - [kah'terɐ]
Ataques complexos	pedreiro - [pe'drɛrɔ]
Róticos	barreira - [ba'hɛrɐ]

<b>Contexto subsequente</b>	<b>Exemplo</b>
Tepe	maneiro - [mã'nerɔ]
Fricativa pós-alveolar sonora	beijinho - [be'ʒiɲɔ]
Fricativa pós-alveolar surda	Peixoto - [pe'ʃotɔ]
Ataque vazio	meio - ['meo]
Pausa	sei - ['se]
<b>Localização Morfológica</b>	<b>Exemplo</b>
Raíz	maneiro - [mã'nerɔ]
Sufixo	asneira - [aʒ'nerɐʃ]
Desinência Verbal	trabalhei [trabɐ'ʎɛy]
<b>Localização</b>	<b>Exemplo</b>
Medial	janeiro - [ʒã'nerɔ]
Final	cheguei - [ʃɛ'ge]
<b>Dimensão do vocábulo</b>	<b>Exemplo</b>
Monossílabo	sei - ['sey]
Dissílabo	deixou - [de'ʃow]
Trissílabo	inteiro - [ĩ'terɔ]

Polissílabo	brasileiro - [brazi'leɾo]
<b>Classe morfológica do vocábulo</b>	<b>Exemplo</b>
Verbos	deixando - [de'ʃãdo]
Nomes	carreira - [ka'heɾɐ]

**Quadro 3** – Variáveis extralinguísticas

Sexo	Feminino
	Masculino
Idade	18 a 35 anos
	35 a 55 anos
	Mais de 56 anos
Escolaridade	Ensino fundamental completo
	Ensino médio completo
	Ensino superior completo

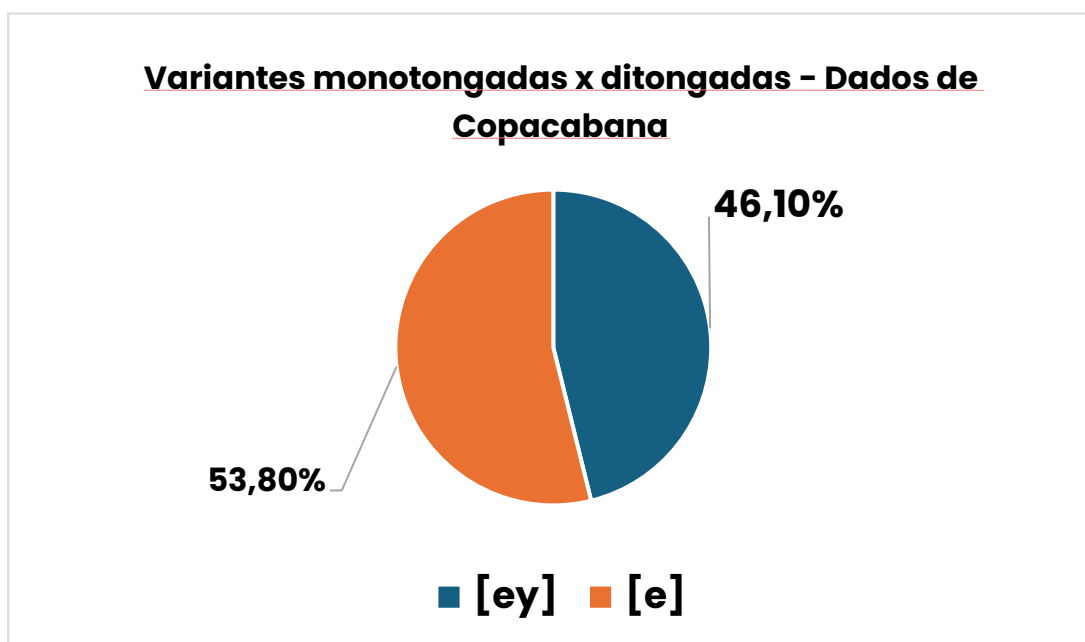
Dessa maneira, os itens lexicais foram distribuídos e analisados variável por variável através do R Studio de análises estatísticas. Esse programa então obtém o percentual baseado na quantidade de ocorrências do fenômeno dentre os *types* inseridos. Neste trabalho, foram consideradas os itens com um número significativo de ocorrências, como será ilustrado no capítulo seguinte.

## 7. ANÁLISE DOS RESULTADOS

### 7.1 Resultados gerais

A análise feita através do programa GoldVarb mostrou que as variantes analisadas [e] e [ey] se distribuem de acordo com os padrões delineados no gráfico (1) a seguir:

**Gráfico 1** - Distribuição das variantes nos dados de Copacabana



Como visto acima, há uma produtividade significativa na ocorrência de [e] como variantes monotongadas representando um total de 53,8% das ocorrências. Por outro lado, a realização da forma ditongada [ey] corresponde a 46,1 %, um número também expressivo dos dados analisados.

Os resultados explicitados revelam que, assim como no estudo desenvolvido anteriormente por Paiva (2003), a comunidade de fala analisada mostrou um alto índice da variante monotongada [e]. No entanto, esses dados também revelam diferença moderada entre as variantes em termos percentuais.

Como os dados evidenciam, a realização da variante monotongada [e] é comum na fala da comunidade de análise, mas não uma regra absoluta, visto que há um percentual parecido em termos percentuais da variante ditongada [ey]. Sendo assim, é pertinente investigar se os contextos favorecedores da implementação da variante são os mesmos que influenciam a redução em estudos

prévios de outras variedades do Português Brasileiro, através de recortes do mesmo segmento. A seguir, aponta-se as análises estatísticas a serem discutidas.

## 7.2 Análise das variáveis relevantes

No quadro (4) abaixo, estão indicadas as variáveis relevantes para a implementação de [e] na comunidade de Copacabana juntamente aos seus respectivos níveis de significância (*p-value*). De acordo com as análises realizadas utilizando o programa Goldvarb, verifica-se quatro variáveis de natureza linguística que influenciam na monotongação de /ei/: contexto precedente e subsequente ao ditongo, classe morfológica e número de sílabas do vocábulo e uma social: a faixa etária dos indivíduos participantes.

**Quadro 4** – Variáveis relevantes

<b>variável</b>	<b>Contexto Subsequente</b>	<b>Classe Morfológica</b>	<b>Faixa Etária</b>	<b>Contexto Precedente</b>	<b>Número de sílabas</b>
( <i>p-value</i> )	1.63e-244	8.6e-14	0.00847	0.0187	0.0208

Partindo de uma análise preliminar, foi possível confirmar que o ditongo se reduz diante de uma vibrante simples de maneira categórica. E, no que diz respeito ao contexto favorecedor da redução, nesta análise, tem-se as fricativas pós-alveolares consolidando o contexto subsequente como altamente favorecedor da monotongação, mas não com a mesma intensidade do tepe.

Na tabela (2) abaixo, estão exibidos a porcentagem e os pesos relativos referentes à variável contexto subsequente ao ditongo /ei/, que se destaca como crucial para a implementação da monotongação nos dados analisados.

**Tabela 01-** Contexto subsequente

<b>variante</b>	<b>Exemplo</b>	<b>Apl/T</b>	<b>PR</b>	<b>logodds</b>
<b>Contexto subsequente (<i>p-value</i> 1.63e-244)</b>				
[e]	maneiro - [mã'nero]	557/572 = 97,3%	<b>.96</b>	3.433
[e]	beijinho - [be'ziɲo]	15/17 = 88,2%	<b>.84</b>	1.695

[j]	Peixoto - [pe'ʃoto]	58/116 = 50%	.37	-0.525
<b>demais contextos</b>	meio - ['meo]	15/442 = 3,3%	.01	-0.604

Quanto ao contexto seguinte ao ditongo, os resultados mostraram que a presença de tepe no ataque da sílaba seguinte ao ditongo, de maneira categórica, é o contexto fonológico de implementação de [e]. Além disso, o fenômeno foi altamente favorecido diante das fricativas pós-alveolares. Porém, nos demais contextos, os dados revelaram diferenças no comportamento das consoantes palatais: a palatal sonora favorece mais a monotongação do que a palatal surda.

Na tabela 3 a seguir, exibe os valores percentuais e os pesos relativos no que diz respeito à variável classe do vocábulo em que ocorre o ditongo /ei/.

**Tabela 2 – Classe Morfológica**

Classe ( <i>p-value</i> 8.6e-14)				
<b>nomes</b>	carreira - [ka'heɾɐ]	584/992 = 58,8%	<b>.79</b>	1.36
<b>verbos</b>	deixando - [de'ʃãdo]	61/115 = 53%	.20	-1.36

Em relação à classe morfológica, entre os verbos, a monotongação se mostrou pouco produtiva do ponto de vista percentual, mas altamente favorecida em termos estatísticos. Então, uma segunda análise foi necessária. Para tentar explicar esse comportamento particular da classe morfológica na implementação da variante [e], fizemos um cruzamento entre as variáveis classe morfológica e localização do ditongo. Os resultados, a seguir, evidenciam como as variáveis podem estar correlacionadas.

**Tabela 3 - Cruzamento entre as variáveis classe e posição**

	Posição medial	Posição final
nomes	584/993 = 59%	1/40 = 2%
verbos	<b>61/155 = 39%</b>	34/576 = 6%

Esse procedimento foi necessário, pois a classe dos verbos é, nesta análise, o contexto com maior probabilidade de aplicação da regra por conta da alta ocorrência de deixar e variantes como *deixou*, *deixando*, *deixava*, em que o ditongo está na posição medial do vocábulo, diante de uma fricativa pós-alveolar.

Após essa segunda análise, os dados mostraram que não há redução quando o ditongo ocorre no final de verbos e de nomes, como também mostraram que o contexto que mais favorece a monotongação é a posição medial em verbos, o que ocorre em *deixei*, por exemplo.

Na tabela 5, a seguir, é apresentada uma parte do levantamento lexical que tende a reforçar os resultados da análise das variáveis fonológicas. Além disso, nesta tabela se encontram contabilizados os itens lexicais com, no mínimo, 10 ocorrências no corpus de análise.

**Tabela 4** - Análise dos *types*

	Itens mais frequentes	Apl//T		Itens mais frequentes	Apl//T
1	<b>primeiro (-a,-mente)</b>	<b>90/90 = 100%</b>	17	<b>terceiro (-a)</b>	<b>14/21 = 66,66%</b>
2	<b>dinheiro (-s, -inho)</b>	<b>89/89 = 100%</b>	18	respeito, respeitar, respeitou	0/21 = 0
3	falei	8/79 = 10,12%	19	cheia, cheio	5/20 = 25%
4	sei	0/63 = 0	20	cheguei	2/20 = 10%
5	direito (-s, -inho)	0/61 = 0	21	trabalhei	0/18 = 0
6	<b>deixar; deixaria; deixo, deixando, deixou, deixei, deixado, deixem</b>	<b>45/61 = 73,77%</b>	22	feito	1/17 = 5,88%

7	<b>maneiro (-a/-inha)</b>	<b>55/60 = 91,66%</b>	23	gostei	0/16 = 0
8	fiquei	0/57 = 0	24	estudei	0/16 = 0
9	meio, meia, meio-dia	0/53 = 0	25	<b>brincadeira</b>	<b>14/14 = 100%</b>
10	seis	0/53 = 0	26	morei	0/14 = 0
11	jeito, jeitinho, jeitão	0/44 = 0	27	comecei	1/13 = 7,69
12	<b>brasileiro (-a, -s)</b>	<b>40/40 = 100%</b>	28	lei	0/13 = 0
13	<b>janeiro</b>	<b>34/35 = 97,14%</b>	29	preconceito	0/10 = 0
14	<b>inteiro (-a)</b>	<b>32/32 = 100%</b>	30	acabei	0/10 = 0
15	veio	0/25 = 0	31	prefeitura	0/10 = 0
16	passei	1/23 = 4,34	32	<b>carteira (-s, -ada, -inha)</b>	<b>8/10 = 80%</b>

Ao todo, foram um total de 301 vocábulos em que foram observadas a presença do ditongo. De todas as ocorrências, os vocábulos com um número significativo de repetições foram considerados neste levantamento.

Conforme descrito na tabela, os itens que apresentaram índices altos ou categóricos de monotongação são itens em que o ditongo ocorre diante do tepe, com exceção de “deixar” (linha 6) e suas variantes em que o ditongo ocorre diante da palatal surda. Comumente realizadas na forma reduzida e numerosamente reproduzidas pelos falantes nas faixas analisadas, o verbo “deixar” e suas variantes, poderiam modificar os resultados obtidos, apontando uma maior aplicação da monotongação em verbos, ao invés da classe dos nomes.

A seguir, na tabela 6, estão exibidos os dados relativos a principal variável extralinguística, a faixa etária dos indivíduos analisados neste estudo.

**Tabela 5 – Faixa Etária**

<b>Faixa Etária (<i>p-value</i> 0.00847)</b>			
<b>18 a 35 anos</b>	217/394 = 55%	<b>.59</b>	0.400
<b>36 a 55 anos</b>	148/302 = 49%	.36	-0.571
<b>mais de 56 anos</b>	280/451 = 62%	<b>.54</b>	0.172

Inicialmente, os dados revelaram que indivíduos mais jovens (18 e 35 anos) e os mais velhos (mais de 56 anos) são os que mais favorecem a monotongação. A fim de compreender melhor esse comportamento e ver em quais contextos a regra seria mais produtiva, foi preciso uma articulação, um cruzamento entre a variável faixa etária e outras duas variáveis: sexo e escolaridade.

Então, ao cruzarmos as variáveis faixa etária e sexo, foi observado que os homens mais jovens e com mais de 56 anos tendem a aplicar mais a regra do que os homens de 36 a 55 anos. Assim, como podemos ver na tabela abaixo, os homens tendem a ter o comportamento mais variável do que as mulheres, que permaneceram mais estáveis.

**Tabela 6 – Cruzamento entre as variáveis faixa etária e sexo**

	Homens	Mulheres
18 a 35 anos	<b>161/365 = 44%</b>	76/221 = 34%
36 a 55 anos	99/325 = 30%	49/145 = 34%
Mais de 56 anos	<b>144/307 = 47%</b>	151/401 = 38%

Já após o cruzamento da faixa etária juntamente com a escolaridade, vê-se que quem mais aplica a regra de monotongação são os falantes mais jovens com nível fundamental e os falantes com mais de 56 anos com nível fundamental e nível superior, conforme mostra a tabela a seguir:

**Tabela 7** - Cruzamento entre as variáveis escolaridade e faixa etária

	18 a 35 anos	36 a 55 anos	Mais de 56 anos
Nível fundamental	<b>76/161 = 47%</b>	42/112 = 38%	<b>84/201 = 42%</b>
Nível médio	68/186 = 37%	31/138 = 22%	67/185 = 36%
Nível superior	93/239 = 39%	75/220 = 34%	<b>144/322 = 45%</b>

Abaixo, a tabela apresenta os dados do último cruzamento realizado, em termos extralinguísticos: escolaridade e sexo.

**Tabela 8** – Cruzamento entre as variáveis escolaridade e sexo

	Homens	Mulheres
Nível fundamental	<b>128/249 = 51%</b>	74/225 = 33%
Nível médio	74/204 = 36%	92/305 = 30%
Nível superior	202/544 = 37%	<b>110/237 = 46%</b>

Quanto a esse último cruzamento, realizado entre as variáveis escolaridade e sexo, homens e mulheres se comportaram de forma diferente. As mulheres, uma vez escolarizadas, favorecem mais a regra, enquanto os homens aplicam menos a regra após a escolarização.

Na tabela 9, abaixo, são exibidos os índices percentuais e estatísticos relacionados ao contexto precedente ao ditongo, outra variável relevante para o fenômeno da monotongação nos dados aqui apresentados.

**Tabela 9** - Contexto precedente

Contexto precedente ( <i>p-value</i> 0.0187)				
<b>labiais</b>	primeira - [pri'merɐ]	134/339 = 39,5%	.28	-0.918
<b>alveolares</b>	carteira - [kah'terɐ]	342/552 = 61,9%	.24	-1.151
<b>palatais</b>	dinheiro - [dʒĩ'neru]	123/198 = 62,1%	<b>.54</b>	0.189

<b>velares</b>	gueixa – [ˈgɛjʃɐ]	32/38 = 84,2%	<b>.78</b>	1.289
<b>ataques vazios</b>	capoeira - [kapu'ɛɾɐ]	10/11 = 90,9%	<b>.79</b>	1.327
<b>ataques complexos</b>	pedreiro - [pe'drɛɾu]	4/9 = 44,4%	.32	-0.737

Os dados analisados mostraram que a redução foi altamente produtiva nos contextos em que o ditongo é precedido por ataques vazios, consoantes nasais e consoantes velares, ao passo que as labiais, alveolares e ataques complexos foram os contextos em que a redução se mostrou pouco produtiva.

Finalmente, a última variável relevante para a implementação de /ei/ na comunidade de fala analisada, o contexto número de sílabas, é exibida na tabela abaixo.

**Tabela 10 - Número de Sílabas**

<b>Número de Sílabas (<i>p-value</i> 0.0208)</b>				
<b>2 sílabas</b>	deixar - [de'ʃa]	74/316 = 23,4%	.35	-0.601
<b>3 sílabas</b>	inteiro - [ĩ'tɛɾu]	434/619 = 70,11%	<b>.60</b>	0.445
<b>4 ou + sílabas</b>	brasileiro - [brazi'leru]	137/212 = 64,6%	<b>.53</b>	-0.601

Com relação a esse contexto, os dados analisados mostraram que vocábulos trissílabos e polissilábicos foram os contextos que mais favoreceram a monotongação com pesos relativos de .60 e .53, respectivamente. Vocábulos dissilábicos, aqui exibido com peso relativo .35 tende a manter o padrão de implementação da forma ditongada nos dados.

## 8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando o objetivo de compreender o comportamento da variável /ei/ na comunidade de fala analisada, este estudo foi realizado através de dados contidos em entrevistas em posse do projeto Corporaport (UFRJ) e nas análises das ocorrências com o auxílio do programa R Studio.

Os resultados revelam que índices expressivos de monotongação são verificados na fala carioca e que a redução de /ei/ se mostra categórica diante de tepe e muito provável diante das fricativas pós-alveolares, mas não com a mesma intensidade. Enquanto os demais contextos se mostraram resistentes à implementação da variante. Assim, confirma-se a hipótese de Paiva (2010) de que a redução de /ei/ é um processo consolidado diante de uma vibrante simples.

As análises realizadas neste trabalho possibilitam tecer algumas considerações. Em primeiro lugar, destacam-se os altos índices de redução de /ei/ na fala carioca, 38,5%. Em segundo lugar, de acordo com os dados, os indivíduos que possuem o ensino superior tendem a favorecer a monotongação, mas são superados pelos falantes com nível básico de instrução. Todavia, a escolaridade deve ser compreendida na interação com as outras variáveis sociais: são os falantes com ensino superior com mais de 56 anos e mulheres com escolaridade alta que impulsionam a implementação da variante [e] entre os informantes cultos cariocas.

Em terceiro lugar, a presença do tepe no *onset* da sílaba seguinte ao ditongo é o contexto fonológico de implementação de [e]. Mas, nos demais contextos, os dados revelam diferenças no comportamento das consoantes palatais: a palatal sonora favorece mais a monotongação do que a palatal surda. Sendo assim, o levantamento lexical tende a corroborar os resultados da análise das variáveis fonológicas.

Dessa maneira, foi possível constatar que assim como estudos anteriores apontaram, a fala carioca se constitui como uma comunidade cuja fala favorece a implementação do ditongo, comportamento já visto em outras variedades do português. Contudo, mais estudos são necessários para compreender de que maneira esse processo se desenvolve em outras comunidades. Sendo assim, compreende-se como etapa futura, a ampliação da análise variacionista, com a inclusão de novos dados, além da comparação dos resultados obtidos para a fala carioca com análises realizadas em outras variedades do Português, na busca de convergências e divergências entre as normas de uso.

## 9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANTELO M. e CRUZ I. O. **História de Copacabana**. Disponível em: <<https://copacabana.com/historia-de-copacabana>>. Acesso em 28 de abril de 2024. Copacabana.com.
- BISOL, L. Ditongos derivados. **D.E.L.T.A**, v.10, n. especial, p. 123-140, 1994.
- BISOL, L. O ditongo na perspectiva da fonologia atual. **D.E.L.T.A**, v.5, n.2, p. 185-224, 1989.
- CÂMARA Jr, J. M. **Estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 2019 [1970].
- CARVALHO, P. **Copacabana: a cidade boliviana que deu origem ao nome de uma das praias mais famosas do Brasil**. Rio de Janeiro, 2024. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/articles/cz4dv7py313o#:~:text=No%20s%C3%A9culo%2018%2C%20Copacabana%2C%20no>>. Acesso em: 03 de março de 2024. BBC News Brasil.
- COELHO, I. L. et al. **Para conhecer sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015.
- COLLISCHONN, G. A sílaba em português. In: BISOL, L. (orgs.). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 5ª ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010, pp. 99-131.
- Copacabana, a princesinha do mar**, Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <https://antigo.bn.gov.br/acontece/noticias/2020/06/copacabana-princesinha-mar>. Acesso em 03 de março de 2024. Biblioteca Nacional.
- FONSECA, F.M. **Praia de Copacabana**. Rio de Janeiro, 2011. Dissertação (Mestrado em Urbanismo) Curso de Pós-graduação em Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2011.
- GONÇALVES, C. A. **Ditongos decrescentes: variação & ensino**. Revista de Estudos da Linguagem, v.6, n.5, p. 159-192, jan/jul 1997.
- LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Trad.: Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.
- LOPES, R. **A realização variável do ditongo /ow/ e /ej/ no português falado em Altamira/PA**. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa). Belém: Universidade Federal do Pará, 2002.
- LUCENA, F. **História de Copacabana, o bairro mais conhecido do Brasil**. Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <<https://diariodorio.com/historia-de-copacabana-o-bairro-mais-conhecido-do-brasil/>>. Acesso em: 04 de março de 2024. Diário do Rio de Janeiro.

PAIVA, M. C. Nova abordagem de velhos fenômenos. **Boletim da ABRALIN 15**. 1994, p. 262-267.

PAIVA, M. C. O percurso da monotongação de [ey]: observações no tempo real. In: PAIVA, M. C.; DUARTE, M. E. (orgs.). **Mudança linguística em tempo real**. Rio de Janeiro: Contra Capa/Faperj, 2003, pp. 31-46.

PAIVA, M. C. **Supressão de semivogais em ditongos decrescentes**. In: NARO, A. et. al. **Relatório final do projeto “Subsídios sociolinguísticos do Projeto Censo à Educação”**. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da UFRJ.

PASSOS, R. R. **O ditongo /ei/ na fala de São Tomé**. In: BRANDÃO, S. F. (orgs.). **Dois variedades africanas do português: variáveis fonético-fonológicas e morfossintáticas**. São Paulo: Blucher, 2018, pp. 177-200.

PEREIRA, G. **Monotongação dos ditongos /aj/, /ej/, /ow/ no português falado em Tubarão (SC): estudo de casos**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2004.

## FOLHA DE AVALIAÇÃO

MARIA ELIANDRA RIBEIRO DE OLIVEIRA

DRE: 117.223.864

### MONONTOGAÇÃO DO DITONGO /EI/ NA FALA CARIOCA

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Letras na habilitação Português/Francês.

Data de avaliação:

Banca Examinadora

\_\_\_\_\_ NOTA: \_\_\_\_\_  
Presidente da banca examinadora

\_\_\_\_\_ NOTA: \_\_\_\_\_  
Leitor Crítico

MÉDIA: \_\_\_\_\_

Assinaturas: \_\_\_\_\_